

DA FUMAÇA À MATRIX: LITERATURA INDÍGENA NA ERA DA CIBERNÉTICA

Lilian Castelo Branco de Lima¹

Resumo: Nesta viagem teórico-reflexiva nos propomos a percorrer trilhas do conhecimento de um povo que permeia a origem dos brasileiros com a sua singularidade aborígine. Sabendo que essas trilhas nos levam ao conhecido, ao nunca dito e muitas vezes ao jamais imaginado em épocas outras. Assim, seguindo os passos da historiografia literária, buscaremos analisar *Sol do Pensamento*, primeiro *e-book* indígena veiculado pela internet. Para tal empreitada nos aportaremos nas idéias de teóricos que refletem sobre a história da leitura literária como: Roger Chartier e Antonio Candido e buscaremos suporte, em Pierre Lévy e Katherine Hayles, para a discussão sobre a tecnologia e as comunidades virtuais.

Palavras - chave: Literatura indígena. Historiografia literária. Literatura eletrônica.

ARAXÁ²

O conhecimento tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar esta definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção.

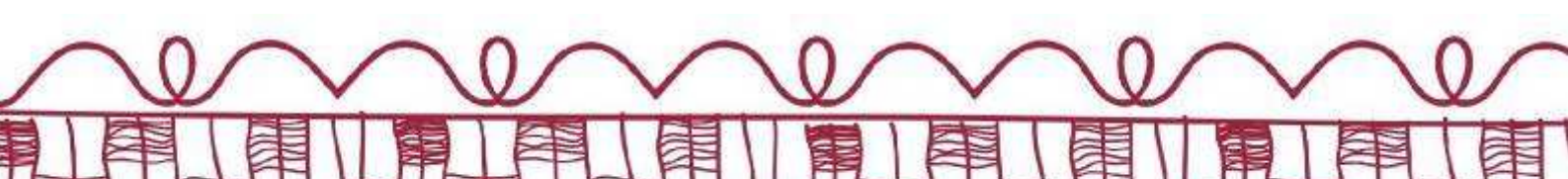
Walter Benjamin

Uma terra distante, em meio a um colorido estonteante: flores, frutos e um verde interminável, com habitantes não menos intrigantes e exóticos, homens e mulheres de uma liberdade que constrangia. Nesse cenário, desconhecido e de grande fascínio para

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Piauí – Área de Concentração: Estudos Literários; Linha de Pesquisa: Literatura, Cultura e Sociedade.
Email: li_castelo@hotmail.com

² Optou-se por colocar o título dos itens do trabalho em tupi em virtude de ser uma das línguas maternas dos primeiros indígenas brasileiros;

ARAXÁ traduz-se como lugar alto de onde primeiro se ver o sol, aqui se entenda como “INTRODUÇÃO”.



os europeus, estes entraram em contato com um povo que falava uma língua estranha, que não se abria para a comunicação, como relatou Caminha³ a D. Manuel:

Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram. ***Mas não pôde deles haver fala nem entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa.*** Somente arremessou-lhe um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sombreiro preto. E um deles lhe arremessou um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas, como de papagaio. E outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas, miúdas que querem parecer de aljôfar, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza. ***E com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar*** (grifos nossos).

Assim, se um dia, considerando ter encontrado o Caminho das Índias, eles disseram: Os índios não falam a nossa língua, hoje, se fosse possível o reencontro, e se deparassem com indígenas que possuem blogs e sites, produzem *e-books*, como no caso daqueles que pertencem ao Núcleo de Escritores do Inbrapi (Instituto Indígena Brasileiro para a Propriedade Intelectual), eles diriam: Esses índios falam a língua do mundo! Para este grupo a aldeia além de ser indígena é também global, a partir de sua inserção no ciberespaço. Esse ambiente democrático e polêmico, que Lévy descreve como:

[...] nômade urbanístico, gênio informático, pontes e calçadas líquidas do Espaço do saber. Ele traz consigo maneiras de perceber, sentir, lembrar-se, trabalhar, jogar e estar junto. É uma arquitetura do interior, um sistema inacabado dos equipamentos coletivos da inteligência, uma estonteante cidade de tetos de signos (2007, p. 104).

Assim esses indígenas ao se inserirem nessa arquitetura cibernética, estão propiciando caminhos para um maior reconhecimento de sua cultura. Sendo que apesar de utilizarem meios tecnológicos da informática estes recorrem às fontes orais de seus povos, aliando tradição à inovação. Assim, o reconhecimento, apesar de tardio, da riqueza das culturas dos povos indígenas que fazem parte da construção da cidadania brasileira, incentiva a retomada das fontes orais na transmissão de heranças culturais e sua re-significação no contexto da atualidade. Dessa forma, impõem-se o registro da memória dessas manifestações, para se conhecer e compreender a riqueza da cultura e da literatura desses grupos étnicos, como também fortalecer o processo de preservação

³Carta de Achamento do Brasil, disponível no sítio: <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/carta.html>, acessado em 06/01/2010.

cultural desse povo. Unindo para isso a ciência, através do fazer antropológico, a literatura e a tecnologia da informática, que por tanto tempo andaram separadas e que hoje já conseguem trilhar caminhos possíveis, para esse “andar juntas” em prol de uma sociedade mais “humana”, apesar das muitas dificuldades, como ressalta Brandão (2005, p.176): “[...] A cada dia, menos se investe em literatura, em arte ou nas humanidades, mas parece que os humanistas estão descobrindo outras maneiras de conseguir recursos, estão aprendendo a jogar o jogo de uma outra maneira e, paulatinamente, estão modificando o panorama”. É exatamente, nesse jogo de “xadrez” que este estudo se insere, buscando observar como a arte literária do povo indígena ganha amplitude e visibilidade, além de valorização como expressão genuína com que uma sociedade arquiteta suas heranças, através do suporte da informática.

Neste sentido, *Sol do pensamento* pode ser visto como um fio que conecta os indígenas ao mundo, tendo em vista a forma com que a obra é disposta, pois se trata de um livro eletrônico, o que facilita a sua distribuição e divulgação, por estar veiculado na internet, além da rapidez do acesso, ainda tem outra vantagem – o livro é gratuito – ou seja, favorece ainda mais a sua apreciação, já que não acarreta ônus financeiro para o leitor.

Essa obra é composta por 11 (onze) textos de diversos autores indígenas, organizada e editada por Eliane Potiguara, em parceria com GRUMIN, Rede de Comunicação Indígena, Núcleo de Escritores do Inbrapi e Vanderli Medeiros Produções. É um arquivo executável que pode ser acessado pelo seguinte endereço eletrônico: http://www.elinanepotiguara.org.br/sol_do_pensamento.exe.

Dessa forma, analisaremos o *Sol do Pensamento* com um olhar etnográfico sobre este e-book que apresenta dentre outros objetivos: divulgar o pensamento indígena, dar visibilidade em âmbito mundial dessa cultura e principalmente incentivar os índios a se fazerem conhecer através de sua literatura.

1 AROSÓ EKOKUABA GUARACI TECNOKEMA ⁴

*Nós somos o primeiro mundo!
Aí queremos viver pra lutar
E encontro força em ti, amada identidade!
[...]
Nós, povos indígenas
Queremos brilhar no cenário da História*

⁴ AROSÓ EKOKUABA GUARACI TECNOKEMA traduz-se como caminhos para entender o *Sol do Pensamento*.

*Resgatar nossa memória
E ver os frutos de nosso país, sendo
dividido
Radicalmente
Entre milhares de aldeados e
“desplazados”
Como nós.
Eliane Potiguara*

Em nossa análise sobre literatura indígena eletrônica, é imprescindível a discussão sobre as categorias que norteiam o nosso trabalho, assim os estudos de Cunha (1987) vêm ao encontro de nossos anseios, no sentido de mostrar que não se deve pensar “índio” como raça, porque “raça é um conceito pautado em fatores biológicos”, segundo a concepção que corroboramos com Manuela Carneiro, que nos mostra que:

[...] os grupos étnicos só podem ser caracterizados pela própria distinção que eles percebem entre eles próprios e os outros grupos com os quais interagem. Existem enquanto se consideram distintos, não importando se esta distinção se manifesta ou não em traços culturais. E, quanto ao critério individual de pertinência a tais grupos, ele depende tão-somente de uma auto-identificação e do reconhecimento pelo grupo de que determinado indivíduo lhe pertence (CUNHA, 1987, p. 111).

Percebe-se, de acordo com o fragmento acima, a importância da sociedade e do indivíduo para determinação dos “critérios de indianidade” no tocante a definição de quem é ou não “índio”. Com base nesse entendimento podemos compreender, ainda segundo a autora (*ibidem*, p. 111), que comunidades indígenas são: “aquelas que, tendo uma continuidade histórica com sociedades pré-colombianas, se consideram distintas da sociedade nacional. E índio é quem pertence a uma dessas comunidades indígenas e é por ela reconhecido.”

Sendo que um dos principais elementos para esse reconhecimento é a cultura partilhada por esses indivíduos. A partir dessa reflexão, cabe acrescentarmos as idéias de Ferkiss (1976) quanto à compreensão de cultura, em que ele reflete:

A cultura é parte da herança humana, ainda que não seja um fato biológico. As mudanças que ocorrem na cultura humana podem ser fundamentais que têm significação até mesmo dentro do processo evolucionário. O homem pode tornar-se outra espécie de criatura. A evolução está ainda em processo de acontecimento e o homem mostra-se consciente desse processo e pode conscientemente dirigir seu roteiro (FERKISS, 1976, p. 19).

Ao compreendermos a cultura com base no excerto, podemos verificar a sua importância frente às mudanças no processo evolutivo do homem, e os indígenas, principalmente aqueles que estão em contato com a educação dentro do padrão do não-indio, como é o caso dos organizadores e autores do *e-book* estudado, contribuem significativamente para a consciência de que nesse contexto de mudanças sociais os homens têm responsabilidade nos direcionamentos para essa nova criatura que nasce e dia-a-dia tornar-se um novo indivíduo, frente às velozes transformações sócio-econômico-culturais.

Ferkiss, em 1976, em tom profético já analisava a sociedade e as modificações que sofreria.

A humanidade, nos dias que correm, está prestes a adquirir novos poderes sobre si mesma e sobre o meio ambiente, que podem alterar a sua natureza tão fundamentalmente quanto o fizeram o fato de caminhar ereto ou a utilização de utensílios. Nenhum aspecto da existência do homem pode escapar à ação de ser revolucionado por esse fato fundamental – toda a sua autoconsciência, que chamamos cultura, seus padrões de interação que chamamos de sociedade, sua própria estrutura biológica (FERKISS, 1976, p. 17).

Hoje percebemos que o que era profético tornou-se uma realidade muito contundente e não só nas sociedades chamadas civilizadas. No caso dos autores de o *Sol do pensamento*, essa linha tênue entre “civilizado” e “não-civilizado” de tão estreita torna-se praticamente inexistente, essa afirmativa se baseia no modo de vida desses indígenas. Um dos avanços das sociedades urbanas modernas – a tecnologia da informática – também já os alcança, e muito influencia em sua produção. Não podendo ser vistos mais com a visão que tinham os navegantes que chegaram ao Brasil por volta de 1500, como seres “bárbaros”, “desconectados” da cultura do “bom homem civilizado”⁵, pois como afirma Bauman (2007, p. 11):

[...] num planeta atravessado por ‘auto-estradas da informação’, nada acontece em alguma parte dele pode de fato, ou ao menos potencialmente, permanecer do ‘lado de fora’ *intellectual*. [...] não há terra nem povo desconhecidos, muito menos incognoscíveis (grifos do autor).

Não se pode, no entanto, ter a visão futurista de que esses grupos indígenas vivam de acordo com a sociedade não-índia, pois as narrativas ainda continuam sendo a

⁵ Compreenda-se “bom homem civilizado” com base em Laplatine (1989).

marca principal da transmissão cultural entre eles. Percebemos, dessa forma, a importância da elaboração de um *e-book* literário, como forma de contribuição para o resgate e fortalecimento da identidade cultural dos indígenas através da literatura, pois as histórias reunidas no livro marcam enfaticamente a relevância da herança ancestral passada oralmente de geração a geração.

Em o *Sol do Pensamento*, os autores expressarem sua cultura e principalmente dão relevância a sua ancestralidade através de uma coletânea que mesclam textos literários e não-literários. Assim, o conceito de literatura que norteia este trabalho é o que nos traz Candido (2000) ao dizer que:

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é um produto fixo, unívoco ante a qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (CANDIDO, 2000, p.74).

E para analisar a obra literária dos indígenas e seu condicionamento social, deve se notar que

[...] O que interessa de fato é a combinação da análise estrutural com a função social, pois a literatura dos grupos iletrados liga-se diretamente à vida coletiva, sendo as suas manifestações mais comuns do que pessoais, ao contrário do que pode ocorrer nas literaturas eruditas, nunca o artista ou poeta deixa de exprimir aspectos que interessam a todos (CANDIDO, 2000, p. 48).

Percebemos que esse fato permanece na literatura desse grupo de escritores, principalmente nas narrativas que contemplem suas heranças tradicionais e suas memórias.

Berger & Luckmann (1987) discutem sobre a importância das narrativas na sua modalidade oral, na intenção de garantir a sobrevivência das experiências e das tradições da sociedade no processo de construção das identidades. Especialmente porque através delas há um fortalecimento da memória coletiva dos indivíduos.

Sendo que,

Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência [...] Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a

limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação (BOSI, 1999, p. 408-411).

Nessa perspectiva, o ancião desempenha um papel fundamental em sociedades que se valem da tradição oral, como forma predominante de educação por que “[...] um ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo ao fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens” (*ibidem*, p. 82), mantendo a peculiaridade de ser o guardião das “histórias” de seu povo.

Verificamos o exposto já na dedicatória de o *Sol do Pensamento*: “Dedicamos esse 1º E-book à estrela cadente, Dona Severina, índia potyguara, da aldeia S. Francisco/Paraíba que muito apoiou nosso trabalho no passado e hoje faz parte das histórias dos ancestrais”, como também a interseção do novo com o velho: “Agradecemos ao artista plástico Celito Medeiros e a produtora digital Vanderli Medeiros. Sem eles essa obra física não existiria”. Podemos observar dessa forma que tanto a herança cultural como o instrumento para a produção foram indispensáveis para a confecção de um trabalho que é uma verdadeira revolução em se tratando de literatura indígena, um verdadeiro salto na história.

Chartier (1999a), ao avaliar o processo histórico da leitura, enfatiza que:

Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram a sua compreensão (p. 77).

Nota-se, portanto, que a revolução na leitura literária não se restringe a forma com que o livro se apresenta, engloba também outros fatores como a postura do leitor frente ao texto e as razões pelas quais criam e lêem textos. No caso da literatura indígena eletrônica, pode-se inferir a preocupação dos autores em divulgar suas idéias, suas tradições e, principalmente, o objetivo de fazerem seus ideais ecoarem. Para tanto, tomam “[...] O texto em sua representação eletrônica, dissociado da materialidade e da localização convencionais, pode (em teoria) alcançar qualquer leitor em qualquer lugar” (CHARTIER, 1999b, p. 29).

Assim, a função social da literatura eletrônica, segundo Katherine Hayles a faz parecer

[...] um ‘monstro esperançoso’ (como os geneticistas chamam as mutações adaptativas) composto por partes extraídas de diversas tradições e que nem sempre se posicionam juntas de forma organizada. Híbrida por natureza, ela inclui uma ‘zona de comércio’ [...] em que diferentes vocabulários, especialidades e expectativas se reúnem para ver o que poderá resultar dessa ligação (2009, p. 21).

Na obra eletrônica *Sol do pensamento*, essa ligação híbrida de linguagens, incita a discussão sobre a forma com que o mundo da modernidade líquida requer dos indivíduos que o acompanhe em sua linguagem para continuar sobrevivendo. Nesse sentido, Eliane Potiguara, coordenadora da obra e já consagrada escritora reconhecida mundialmente por sua luta pelos povos indígenas, analisa:

Diante do mundo moderno e de alguns aspectos maléficos da neocolonização e globalização, se reforça que é necessário o registro escrito, realizado pelos próprios indígenas como uma medida de precaução e cuidado para que o “contar” e historiografia indígenas, não caiam no domínio público, ou que terceiros ou instituições sejam beneficiados nos aspectos financeiro, histórico e moral pelos direitos autorais.⁶

E complementa:

A literatura indígena cumpre o papel de resgate, preservação cultural, fortalecimento das cosmovisões étnicas. O futuro escritor indígena deve ser já incentivado, na aprendizagem da Educação bilíngüe e Educação em geral, desde pequeno. O escritor indígena é o futuro antropólogo, aquele que vê, enxerga e registra. Povos indígenas devem caminhar com seus próprios pés.⁷

Com isso faremos a seguir uma leitura antropológico-literária de uma obra que veste a armadura do guerreiro pós-moderno que luta para fortalecer e defender a sua identidade, mesmo que para isso tenha que dominar as armas do dominador.

2 OBAKÉ APOENA⁸

E o mais puro ensinamento dos velhos, dos anciãos, partem da sabedoria, da verdade e

⁶ Texto: LITERATURA INDÍGENA: Instrumento de conscientização, disponível no sítio: <http://www.elianepotiguara.org.br/textos2.html>, acessado em 03/02/2010.

⁷ *Idem.*

⁸ OBAKÉ APOENA traduz-se como “NA PRESENÇA DAQUELES QUE ENXERGAM LONGE”.

do amor. Bonito é florir no meio dos ensinamentos impostos pelo poder.

Eliane Potiguara

Observar o aborígine brasileiro pelo prisma do pós-colonialismo é inferir que ele faz parte do grupo dos subalternos, que foram marginalizados pelo processo de colonização, silenciados e entregues a um genocídio físico e cultural. Contudo, se discute essa retomada de voz dos subalternos (SPIVAK, 2007), em uma atividade etnocêntrica e etnográfica. Geertz ilustra de forma primorosa a idéia de etnografia a qual consideramos estar imbricada na obra *Sol do Pensamento*:

Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1989, p. 20).

Zaluar corrobora com Geertz, quando diz que:

A etnografia entrou no cenário das teorias e métodos sociais como uma arriscada viagem para encobrir grandes distâncias geográficas, culturais, étnicas, raciais, políticas e lingüísticas. O deslocar-se nos mapas físicos e simbólicos do mundo para deixar o “cá” de modo a estar lá, o transferir-se do “agora” para pesquisar o “então” eram o passo inicial e monopolizador de toda a atenção do antropólogo (2004, p. 9).

Dessa forma, foi nesse intuito de alargar as fronteiras e ao mesmo tempo extingui-las, na tentativa de nos fazer ler uma história eclipsada pelo processo social, que nasce *Sol do pensamento*, como já foi dito, primeiro *e-book* indígena veiculado na internet, propiciando uma leitura desse manuscrito cheio de emendas, em uma cartografia muito sensível desses indígenas e da cultura de seus povos.



Figura1: Capa do *e-book*: Sol do pensamento

Este livro eletrônico foi elaborado através de uma seleção muito interessante, porque dele fazem parte autores já reconhecidos no cenário literário, como Eliane Potiguara e a iniciante índia Kerexu Mirim, porém todos com o mesmo sonho: Defender sua cultura do extermínio, utilizando uma linguagem global.

Sumário	
Apresentação: A informação para o desenvolvimento indígena não está em nossas mãos (Eliane Potiguara)	
Textos:	
1- História de Wirapuru: cantor da sorte (autor: Yaguarê Yamá)	
2- Os velhos são nossos mestres (autor: Olívio Jecupé)	
3- A corrupção do conhecimento ancestral dos Povos Indígenas (autor: Daniel Munduruku)	
4- A Mulher que despertou nas asas do Criador (autor: Eliane Potiguara)	
5- Cultura e ex-cultura (autor: Lúcio Flores)	
6- O sonho de Kunhataim (autor: Kerexu Mirim)	
7- Lamento Nacional de um Guerreiro (autor: Manoel Moura Tukano)	
8- Reflexões indígenas sobre Direitos e Propriedade (autor: Juvenal Payáyá)	
9- Discurso da Resistência Indígena (autor: Florêncio Vaz)	
10- BUBUIA (autor: Ademário Ribeiro)	
11- A MALOKA ARUAK (autor: GABRIEL GENTIL)	

Figura2: Sumário do *e-book*: Sol do pensamento

Como podemos observar o *e-book* na figura acima, apesar de estar em meio eletrônico, segue o formato do livro impresso convencional, com folhas virtuais que podem ser passadas ao toque do *mouse* na extremidade da página. Entretanto, apesar de fazer alusão à página impressa, ele também altera sua dinâmica, pois em resposta ao

clique sobre as palavras IMPRIMIR, ÍNDICE, CAPA, o leitor entra em um jogo cognoscível não-linear, direcionando-o conforme suas vontades e necessidades. Com isso, recursos tecnológicos computacionais são retroalimentados pela ação do usuário (HAYLES, 2009), numa interconexão de pensamentos e atividades.

Ainda seguindo essa idéia da interconectividade para melhor apreensão do texto, percebemos que no *Sol do pensamento*, houve uma preocupação para que algumas informações estivessem dispostas em hiperlink.



Figura3: Ficha técnica do e-book: Sol do pensamento

Tanto a organizadora como a empresa produtora digital e o criador da capa, listados na ficha técnica, são inseridos com a possibilidade de o leitor viajar no ciberespaço, direcionado por informações que interessam a viagem inicialmente escolhida. Pierre Lévy analisa essa arquitetura do ciberespaço e a possibilidade de um lugar abrigar outro e afirma que esse ambiente virtual: “[...] constitui um campo vasto, aberto, ainda parcialmente indeterminado, que não se deve reduzir a um só de seus componentes. Ele tem vocação para interconectar-se e combinar-se com todos os dispositivos de criação, gravação, comunicação e simulação” (2007, p. 104).

Textos como este, que se interconectam e são independentes de aplicativos para a visualização, são denominados de **hipertexto**, pois a sua “cadeia de difusão está globalmente inserida no meio digital corresponde, de fato, aos textos reconhecidos pelo senso comum como ‘digitais’ e assim cotidianamente denominados – ou seja: os textos que são ‘lidos no computador’, por exemplo, por meio da internet”⁹ (SOUSA, 2009),

⁹ Artigo disponível no sítio: <http://www.textodigital.ufsc.br/num09/mariaclara.htm>, acessado em 02/02/2010.

como enfatiza Maria Clara Paixão de Sousa (s/d), requerem de um navegador para se configurarem como ponte de espaço-tempo e para a construção dessas pontes os seres humanos inventaram as técnicas de representação da linguagem, entre elas o texto eletrônico a que estamos abordando.

Porém, vale ressaltar, que a **Matrix**¹⁰ é de todos, mas não para todos, como avalia Lévy (2007):

Diante das novidades técnicas percebidas isoladamente como objetos caídos do céu, esquecemos o sistema aberto e dinâmico que elas constroem, sua interconexão no *ciberespaço*, sua inserção conflituosa nos processos culturais em andamento. Permanecemos cegos às diferentes possibilidades que elas oferecem ao devir humano, leque de possibilidades que raramente é percebido em sua totalidade e que deveria constituir objeto de deliberação, de escolha, de juízos de gosto, e não só parte de especialistas das máquinas (p. 105-106, grifo do autor).

Esta inacessibilidade é comprovada pelo fato de que, só depois de vários anos da popularização da literatura eletrônica, um grupo indígena brasileiro se vale da internet e de suas ferramentas para atingir o público leitor.

Vale notar ainda que esses escritores são um número muito pequeno na infinidade de vozes silenciadas pela globalização negativa, abordada por Daniel Munduruku, no seu texto: “A corrupção do conhecimento ancestral dos povos indígenas”, no qual ele analisa a temática da modernidade e do fazer tecnológico, valendo-se para isso da ancestralidade – o contar histórias – usa para tal a fábula da esperta raposa e do lento jabuti e chega a algumas conclusões:

[...] Primeiro: Acho que a idéia de conhecimento tecnológico é hipócrita. É hipócrita por que não é para todos. É para alguns. Para todos são os impostos e os aparelhos criados pela tecnologia. O conhecimento não é para todo mundo, se fosse não precisaria de patentes.

[...]

Terceiro: a raposa representa um pensamento quadrado, movido por intenções únicas que não reconhece e aceita modos diferentes de pensar, agir. E não aceita que haja generosidade no ato de partilhar o pensamento. A raposa significa o pensamento científico, corrompido e “corrompedor” das outras formas de conceber o conhecimento (MUNDURUKU, 2005, p. 22-23).¹¹

¹⁰ Termo utilizado por William Gibson, em *Neuromancer*, o mesmo que “ciberespaço”.

¹¹ Texto copilado no *e-book*: Sol do pensamento.

Percebemos, pelo excerto, que o escritor indígena traz em seu texto a idéia de que o conhecimento é privilégio daqueles que retêm as técnicas e que estas são monopolizadas para interesses unilaterais e não universais. Um *e-book* indígena, portanto, vai na contramão deste pensamento à medida que coloca a máquina a serviço do homem e da preservação deste indivíduo que para proteger a sua tradição vê na técnica da tecnologia da informática e da internet uma saída para um conhecimento que mesmo a passos lentos está caminhando, se não lado a lado, mas no mesmo sentido das demais comunidades em busca de sobreviver ao caos da modernidade líquida (BAUMAN, 2007). Como Daniel Munduruku ainda aponta, em suas provocações, ao fazer a analogia entre o jabuti e os povos indígenas:

[...] o jabuti representa o domínio do tempo, a longevidade, a ancestralidade dos nossos povos indígenas. Representa o conhecimento holístico, circular, integral. Representa a resistência, a força, a experiência e o domínio real do que seja a vida – bios – no dizer da ciência. A vida que a tecnologia quer dar não é vida, é morte (2005, p. 23).

Pela nossa leitura vemos a morte, nesse contexto, como o sucumbir de uma cultura, como as outras: híbrida, contudo dotada de uma particularidade essencial – aborígene em sua essência criadora.

3 ANDUBA CUORE APÉ¹²

Percorrer caminhos que levam à novidade e ao ciberespaço e nele encontrar uma das mais autênticas referências de terra firme, de ancestralidade, nos direciona, certamente, a uma conflituosa leitura que culmina em quebras paradigmáticas de concepções arraigadas pelo preconceito de que índio e modernidade não combinam.

Sol do pensamento vem mostrar, de forma notória, que os indígenas brasileiros estão encontrando meios para fazerem ecoar suas vozes, seus sonhos, assim como diz Caetano: “Um índio preservado em pleno corpo físico/Em todo sólido, todo gás e todo líquido/Em átomos, palavras, alma, cor, em gesto, em cheiro, em sombra, em luz, em som, magnífico”¹³ virá e chegará falando a língua que todos entendem: a da

¹² ANDUBA CUORE APÉ traduz-se como “PERCEBER AGORA O CAMINHO”, aqui se entenda como CONSIDERAÇÕES FINAIS.

¹³ VELOSO, Caetano. Um índio. Intérprete: Caetano Veloso. In: Bicho, Rio de Janeiro: Polygran (Brasil), 1977. 1 CD. Faixa 5.

sobrevivência e da luta em mundo desigual, no qual as identidades estão cada vez mais fragmentadas, perdidas na velocidade transformações que vivenciam.

Eliane Potiguara, como coordenadora desse projeto audacioso, é de forma inquestionável uma desbravadora desse mundo novo, e que a cada dia é mais novo, pelo qual as sociedades têm vivido: comprando, vendendo, aprendendo, ensinando, construindo, destruindo, em fim, se interrelacionando. Com ela, um grupo de corajosos escritores enfrenta essa difícil tarefa de levar o local ao global na intenção de propagar ao mundo as suas histórias, apesar de que para inserirem suas narrativas na memória histórica o façam pelos instrumentos do colonizador.

Nossa viagem encerra esse ciclo de discussões, permeada pela certeza de que as trilhas estão apenas iniciadas e que carecem de muitos e múltiplos olhares, pela grandiosidade da amplitude da reflexão.

APEËARA APORA¹⁴

BAUMAN, Sygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Tomas. **A construção social da realidade** (Tratado de sociologia do conhecimento). 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

BRANDÃO, Saulo Cunha de Serpa. Para além das duas culturas. In: BRANDÃO, Saulo Cunha de Serpa. & LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira Lima. (orgs). **Ensaio Reunidos: Coletânea do Mestrado em Letras – UFPI**. Teresina: Halley, 2005.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade: Estudos de teoria e história literária**. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999a.

_____. As revoluções da leitura no Ocidente. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado das letras/São Paulo: FAPESP, 1999b, p. 19-31.

¹⁴ APEËARA APORA, em tupi, traduz-se como guia das discussões, aqui se entenda como REFERÊNCIAS.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade**. Brasília: Editora Brasiliense, 1987.

FERKISS, Victor. **O Homem Tecnológico: Mito e Realidade**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GIBSON, William. *Neuromancer*. Tradução: Fábio Fernandes, 4ª Ed. São Paulo: Aleph, 2008.

HAYLES, N. Katherine. **Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário**. Tradução: Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz. São Paulo: Global/Fundação Universidade de Passo Fundo, 2009.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

MUNDURUKU, Daniel. A corrupção dos saberes indígenas. In: POTIGUARA, Eliane (org.). **Sol do pensamento**. 2005. *E-book* disponível em <http://www.elianepotiguara.org.br>, acessado em 12/11/2009.

POTIGUARA, Eliane (org.). **Sol do pensamento**. 2005. *E-book* disponível em <http://www.elianepotiguara.org.br>.

SOUSA, Maria Clara Paixão de (2009). **Conceito Material de “Texto Digital”**: Um Ensaio. Revista *Texto Digital*, ano 5, nº 2, Santa Catarina. <http://www.textodigital.ufsc.br/num09/mariaclara.htm>

SPIVAK, G. Can the subaltern speak? In: **The post-colonial studies reader**. Routledge, 2007.

ZALUAR, Alba. **Integração perversa: pobreza tráfico de drogas**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 08-33.